

XADREZ - JOGO, CIÊNCIA E ARTE

Wilberto Trigueiro

Titular da Academia Paraibana de Medicina – cadeira 37

A vida é uma espécie de xadrez - Benjamin Franklin (1706-1790)

No final dos anos de 1960, a sala destinada ao xadrez na sede social do Esporte Clube Cabo Branco, no centro da cidade de João Pessoa, era palco de intensa atividade enxadrística no início da tarde, com a participação de alguns nossos professores e colegas médicos. Pelo fato da maioria dos consultórios, na época, se situarem nas imediações do Ponto de Cem Réis e, antes de iniciarem suas atividades vespertinas, lá se encontravam: Arnaldo Tavares, Eugênio de Carvalho, Herul Sá (todos acadêmicos), José Severino Magalhães, Anchieta Antas, os irmãos Paraguay e, frequentemente, os ilustres desembargadores, Francisco Espínola, economista Jeová Mesquita, comerciantes Arnaldo Carneiro Leão e Romero Peixoto, pintor e fotógrafo Lira, dentre outros. Aqueles que não estavam jogando ficavam em torno do tabuleiro central onde se encontrava o espirituoso Dr Arnaldo Tavares, acirrando ainda mais aquela disputa amistosa, através de pitacos e palavreados de bom humor, num clima de descontração e cordialidade. Depois das quinze horas, quase todos se retiravam para seus locais de trabalho. Tinha até a secretária de um famoso médico que vinha avisá-lo de clientes à sua espera. Sem dúvida, foram momentos maravilhosos de lazer dos queridos mestres que tive a felicidade de testemunhar, quando estudante de medicina, na companhia dos amigos José Mário Espínola e do saudoso José Arnaldo Tavares.

Assim é o xadrez, um jogo fascinante, intuitivo e estratégico de natureza lúdica ou competitivo. Ligado à intelectualidade e à cultura, ao longo dos séculos, possui uma relação direta com a arte e a filosofia. Segundo o ex-campeão mundial Anatoly Karpov: “O xadrez é jogo, é esporte, é arte, é ciência”. Para o filósofo Michel Montaigne, “o xadrez é demasiado jogo para ser uma ciência e demasiado ciência para ser um jogo”.

Considerado um dos jogos mais antigos da humanidade, teve origem no século VI, ao norte da Índia, espalhando-se posteriormente para a China, Rússia e países europeus, sendo

praticado por milhões de pessoas em todo o mundo, crescendo sua popularidade através do divertimento virtual, durante a pandemia pelo coronavírus. Tornou-se conhecido pelos brasileiros através de Dom João VI, em 1808, quando difundiu impressos trazidos de Portugal e oferecidos à Biblioteca Nacional. O primeiro torneio só foi realizado 72 anos depois, no Rio de Janeiro, e contou com a participação do famoso escritor Machado de Assis. Na Europa, o Café de La Régence, em Paris, nos séculos XVIII e XIX, se tornou famoso por ter sido local de eventos enxadrísticos e frequentado por celebridades, dentre elas, Rousseau, Voltaire, Richelieu, Diderot, Napoleão Bonaparte, Benjamin Franklin e muitas outras ilustres personalidades. As competições oficiais vieram a ter início no século XIX, quando o austríaco Wilhelm Steinitz (1886) foi considerado o primeiro campeão mundial.

Segundo a lenda contada no livro “O Homem que Calculava” (1946), do escritor e matemático Malba Tahan, o tabuleiro de xadrez se relaciona a um campo de batalha na luta entre dois reinos de uma província indiana e as peças do jogo representariam os elementos da batalha. Dessa maneira, o exército era composto por bigas (torres), cavalaria, elefantes (transformados em bispos), infantaria (peões), além do general (hoje a dama, mais poderosa) e o rei.

Tem sido demonstrado em diferentes estudos que o xadrez envolve e possivelmente aumenta as capacidades cognitivas, tais como: memória funcional, raciocínio e concentração. Sua prática estimula a socialização e a formação de amizades, não havendo adversários ou inimigos, apenas duas pessoas buscando encontrar novos caminhos e soluções para um problema lógico. Jogadores de alto nível são capazes de mentalizar inúmeras jogadas subsequentes para chegarem ao xeque-mate ou a um final vitorioso. Raras pessoas, com elevados níveis de memorização, disputam partidas sem ver o tabuleiro (jogo às cegas) demonstrando forte exercício mental. O escritor alemão Goethe definiu o xadrez como “a ginástica da inteligência”. Para outros, se constitui num “exercício para o cérebro”. Assim, um célebre desafio ocorreu entre o fortíssimo computador Deep Blue (IBM), em 1996, na Filadélfia (USA), e o campeão mundial da época, o russo Garry Kasparov, tendo este saído vitorioso por 4 a 2, num *match* de seis partidas. A primeira versão do Deep Blue podia analisar até 100 milhões de posições por segundo. Não se contentando com o revés, os programadores fizeram um *upgrade* na poderosa máquina e um segundo desafio surgiu no ano seguinte, com um novo confronto realizado em Londres, tendo o supercomputador vencido apertadamente com três vitórias e um empate. Essa disputa acabou virando um documentário, intitulado “The Man vs

The Machine”, pois foi considerado, naquela ocasião, o maior evento de xadrez da história. O campeão mundial, desde 2010, era o norueguês Magnus Carlsen. Todavia, este se recusou a disputar o título em 2023, assumindo em seu lugar o chinês Ding Liren, derrotando o russo Ian Nepomniachtchi, numa acirrada final. Henrique Costa Mecking (Mequinho), nascido em 1952, é apontado como o maior enxadrista brasileiro de todos os tempos, tendo sido o terceiro melhor jogador do mundo em 1977. Entretanto, uma grave doença (miastenia grave) comprometeu, ainda jovem, sua vitoriosa carreira.

O xadrez já foi tema de inúmeras produções no cinema e na TV. “O Gambito da Rainha”, renomada minissérie que recebeu o Globo de Ouro em 2021, aumentou o interesse de adeptos pelo jogo ao redor do mundo. O mais notável cineasta sueco, Ingmar Bergman, usou o xadrez como metáfora em diversos filmes e uma das cenas mais famosas da história do cinema é a do cavaleiro que joga xadrez com a morte na obra-prima cinematográfica “O Sétimo Selo” (1957).

Em dezembro de 1986, a Federação Internacional de Xadrez (FIDE) e a UNESCO criaram a “Comissão For Chess In Schools”, que tem um importante papel na difusão do ensino através do mundo. Inúmeros são os livros e periódicos especializados, nacionais e estrangeiros, com o intuito de fomentar o aprendizado teórico-prático desse atrativo e requintado jogo.

Incluir o xadrez na grade curricular das instituições educacionais no nosso país tem se constituído uma prática cada vez mais comum, seguindo o exemplo de nações europeias e Argentina. Inúmeras cidades brasileiras já tem o xadrez inserido no currículo escolar, sendo lecionado em João Pessoa em alguns colégios das redes municipal e privada. A aproximação da criança com as atividades recreativas, esportivas e artísticas, contribui para o desenvolvimento cognitivo e psicológico, a integração social e organização do pensamento, elementos estes fundamentais na formação do caráter (Berton, 2008).

Estudos apontam que o ensino enxadrístico é uma excelente ferramenta pedagógica, pois exercitar a memória e o processo mental conduz a uma melhora do desempenho do aluno no âmbito escolar e de sua formação cidadã. Praças públicas com tabuleiros se constituem num forte atrativo para estimular sua prática ao ar livre e o descanso físico e mental, permitindo que todos possam jogá-lo, independentemente da idade, gênero, cor, habilidade física ou classe social. A visualização da jogada num plano abstrato, sem tocar as peças, induz o hábito de

pensar e tomar decisões que traduzem criatividade, planejamento e prudência, qualidades essas imprescindíveis em situações do cotidiano.

O importante de jogar não é apenas a vitória, o xeque-mate, e sim aproveitar o momento em toda sua plenitude e os benefícios que o xadrez propicia.



Tabuleiro em praça pública



Acadêmico Eugênio de Carvalho



Acadêmico Arnaldo Tavares



Acadêmico Herul Sá



Xadrez



Dr Arnaldo Tavares jogando com Carlos Alberto (filho), sob os olhares de Arnaldo Carneiro Leão.